

Conectando Culturas: Estratégias Digitais para Mulheres Indígenas Empreendedoras nas Redes Sociais

Vitória Carolayne Bobot

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Amazonas - *Campus* Manaus Zona Leste
Manaus, Amazonas, Brasil
vcarolayne246@gmail.com

Fabiann Matthaus Dantas Barbosa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Amazonas - *Campus* Manaus Zona Leste
Manaus, Amazonas, Brasil
fabianm_matthaus@hotmail.com

ABSTRACT

This study aims to promote digital inclusion and promote empowerment indigenous women entrepreneurs through a practical workshop focused on leveraging technology to expand their businesses. The project was developed as part of an extension initiative, combining active learning methodologies with hands-on activities to make participants protagonists of their learning process. The workshop had a total duration of 40 hours, conducted over five days, with 20 women voluntarily participating in activities designed to teach essential digital skills. Each day addressed a specific topic, such as optimizing mobile devices, exploring communication tools, using social media (Facebook and Instagram), producing visual content, and planning future digital strategies. The results demonstrated a significant improvement in the participants' digital skills, self-confidence, and motivation to use technology for business promotion. Qualitative feedback highlighted the positive impact of collaborative learning and the relevance of content tailored to their cultural and entrepreneurial contexts. By connecting traditional knowledge with modern technological tools, the project not only enhanced their capacity to engage with digital platforms but also valued and preserved their cultural identity.

KEYWORDS

Digital Inclusion; Women's Empowerment; Indigenous Women; Active Learning.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão digital tem se tornado um elemento fundamental para democratizar o acesso a oportunidades, especialmente em um mundo onde a tecnologia desempenha um papel central nas esferas social, econômica e cultural [1].

No Brasil, mulheres indígenas enfrentam desafios históricos no acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), agravados por barreiras estruturais e culturais que limitam sua participação nos campos tecnológicos [2]. Essa exclusão aprofunda desigualdades econômicas e sociais, já que as TICs são essenciais para integração na economia globalizada e para ampliar vozes e identidades culturais.

Nas comunidades amazônicas, esses desafios são ainda mais complexos devido ao isolamento geográfico, à escassez de infraestrutura digital e às barreiras linguísticas [3]. Para as mulheres indígenas, o acesso às tecnologias vai além da simples inclusão

econômica: é uma ferramenta poderosa para conectar suas práticas tradicionais ao mundo digital, promover seus negócios, preservar saberes ancestrais e fortalecer suas identidades culturais [4]. Dessa forma, a tecnologia não apenas abre portas para novos mercados, mas também contribui para a valorização e projeção da diversidade cultural dessas comunidades, promovendo práticas que favoreçam o empoderamento das mulheres indígenas, incentivando-as a se apropriar de suas próprias potencialidades, em um contexto cada vez mais digital.

A participação das mulheres indígenas na criação de produtos e serviços é uma expressão profunda de suas tradições, saberes ancestrais e conexão com a natureza. Elas desempenham um papel central na produção artesanal, na agricultura sustentável e na elaboração de bens culturais que carregam consigo a identidade de suas comunidades [2]. No entanto, apesar da riqueza de suas criações, muitas enfrentam desafios significativos para expandir a visibilidade de seus produtos, especialmente ao tentar acessar mercados fora de suas aldeias ou regiões.

O deslocamento para zonas urbanas em busca de oportunidades de venda e divulgação representa um obstáculo importante. Além das barreiras logísticas, como transporte e custos, essas mulheres frequentemente se deparam com a falta de familiaridade com as ferramentas digitais e estratégias de *marketing*, o que limita seu alcance e integração em um mercado cada vez mais digital. Muitas vezes, sem orientação adequada, enfrentam dificuldades em usar redes sociais, plataformas de *e-commerce* ou até mesmo compreender as demandas do consumidor urbano [5].

Essa situação reforça a necessidade de iniciativas que não apenas incluam essas mulheres no ambiente digital, mas também valorizem e respeitem suas culturas e narrativas. Ensinar técnicas de divulgação online e estratégias de *marketing* digital é mais do que capacitação técnica; é um meio de empoderá-las, preservando suas histórias e promovendo a autonomia econômica. Ao conectar suas práticas tradicionais ao mundo digital, essas mulheres podem não apenas ampliar o alcance de seus produtos, mas também fortalecer suas comunidades e demonstrar o valor inestimável de suas culturas no cenário global [6].

Diante do contexto apresentado, este artigo tem como objetivo relatar as ações realizadas em um projeto que busca capacitar mulheres indígenas para a divulgação de seus produtos e serviços no ambiente digital, promovendo a inclusão e a valorização cultural. Dessa maneira, por meio de oficinas práticas que utilizam metodologias ativas, são abordados aspectos técnicos, como o uso estratégico de redes sociais e ferramentas de *marketing* digital,

além de promover espaços de troca sobre desafios e oportunidades no mercado.

Este estudo também analisa os resultados qualitativos e quantitativos obtidos, com foco na percepção de motivação das participantes e valor da aprendizagem ao longo da oficina. A iniciativa buscou compreender como o aprendizado prático e o acesso às ferramentas digitais podem transformar a maneira como essas mulheres enxergam suas possibilidades de crescimento pessoal e econômico. Além disso, o projeto ultrapassa os limites tradicionais da instituição de ensino, ao estabelecer um diálogo ativo com as comunidades indígenas e atender às suas demandas específicas, promovendo uma troca de saberes que valoriza tanto o conhecimento acadêmico quanto o cultural.

2 TRABALHOS RELACIONADOS

Uma pesquisa na Biblioteca Digital da Sociedade Brasileira de Computação (SOL) foi realizada utilizando as palavras-chave “Mulheres” e “Inclusão Digital”. Como resultado, foram encontrados cinco estudos relacionados à temática da inclusão tecnológica voltada para mulheres em projetos de extensão. Destes, três apresentaram maior alinhamento com a proposta deste trabalho e serão discutidos a seguir.

O estudo feito por Felizardo et al. [7] aborda a inclusão digital de mulheres idosas como uma ferramenta essencial para promover autonomia, pensamento crítico e inclusão social. O trabalho destacou as barreiras enfrentadas por mulheres com mais de 60 anos no acesso a tecnologias, resultado de desafios históricos e sociais, e propôs um curso prático para capacitá-las em habilidades digitais essenciais. O conteúdo foi desenvolvido com base nas necessidades e interesses das mulheres idosas, utilizando estratégias que combinavam personalização dos materiais e suporte contínuo por voluntários e instrutores. O projeto também explorou como o uso de tecnologias pode ser uma ponte para melhorar a qualidade de vida, promover o bem-estar e combater o isolamento social.

Já Ferreira et al. [8] descreve a metodologia de um projeto de extensão desenvolvido com o objetivo de promover a inclusão digital, desmistificar tecnologias e empoderar jovens mulheres na área de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Aplicado na comunidade do Pedregal, em Aracati-CE, o projeto foi conduzido por estudantes e professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e beneficiou mulheres que nunca haviam tido contato com computadores. Além de capacitar as participantes em habilidades básicas de informática, o projeto também propôs atividades complementares, como jogos de tabuleiro, para estimular o raciocínio lógico. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a falta de prática em casa devido à ausência de computadores, as alunas demonstraram persistência, o que contribuiu para o sucesso do projeto.

O terceiro trabalho realizado por Fernandes et al. [9] aborda um projeto de extensão voltado para a inclusão digital de mulheres idosas na macrorregião do Sudeste Paraense. O objetivo principal foi adaptar o *Mobile Device Proficiency Questionnaire* (MDPQ) para uma linguagem mais simples e acessível, permitindo avaliar o

nível de proficiência dessas mulheres no uso de *smartphones*. O trabalho reflete a urgência de conectar populações vulneráveis aos benefícios das tecnologias digitais, enfrentando desafios como baixa alfabetização digital e exclusão social. A coleta de dados envolveu 32 mulheres idosas, recrutadas em instituições como CRAS e associações comunitárias, com idades entre 50 e 85 anos.

Os três trabalhos analisados apresentam alinhamento significativo com os objetivos deste estudo, ao enfatizarem a inclusão digital como ferramenta de empoderamento e transformação social. Portanto este relato de experiência busca evidenciar a necessidade de materiais e metodologias acessíveis, que dialogue diretamente com o desafio de adaptar conteúdos às particularidades culturais e linguísticas das mulheres indígenas. Em conjunto, esses estudos fornecem uma base valiosa para o desenvolvimento e aprimoramento do nosso projeto, evidenciando a importância de estratégias personalizadas que unam capacitação técnica, valorização cultural e inclusão social.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi estruturado em uma pesquisa aplicada caracterizada como exploratória, de tipo estudo de caso, com abordagem quantitativa e qualitativa já que tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. Para isso, as ações foram divididas em duas grandes frentes: pesquisa e extensão. O eixo de pesquisa focou no acompanhamento do impacto das atividades realizadas, com uma análise centrada na percepção da motivação e do valor de aprendizagem das mulheres na oficina. Já o eixo de extensão buscou proporcionar experiências práticas e transformadoras às participantes, com ênfase em capacitação e sensibilização explorando possibilidades de intervenção que contribuam para a inclusão e empoderamento dessas mulheres.

A metodologia utilizada para a realização das atividades do projeto foi fundamentada nos princípios das metodologias ativas, que visa engajar os alunos de forma mais dinâmica e colaborativa, permitindo que se tornem protagonistas do próprio aprendizado [10].

Com carga horária total de 40 horas, as oficinas foram realizadas de forma totalmente presencial em um local externo ao campus na instituição, com 4 horas diárias, ao longo de 5 dias consecutivos. Participaram 20 mulheres indígenas, que se inscreveram de forma voluntária, buscando capacitação digital para aprimorar seus negócios. As atividades foram organizadas em 5 unidades temáticas, cada uma nomeada com referência a nomes femininos indígenas significativos, conforme a figura apresentada: *Amanaci* (Potencializando Dispositivos e Conexões para Empreendedoras), *Araci* (Explorando Ferramentas de Comunicação Digital), *Potyra* (Conectando-se nas Redes Sociais), *Jaciara* (Produção de Conteúdo Prático) e *Iara* (Explorando e Planejando o Futuro Digital).

O conteúdo foi desenvolvido de forma teórico-prática, utilizando metodologias ativas para promover engajamento, autonomia e colaboração entre as participantes, garantindo que cada mulher pudesse aplicar o conhecimento adquirido para

divulgar seus produtos e serviços no ambiente digital. A Tabela 1 apresenta os conteúdos, tipo de metodologia ativa aplicada e estratégia utilizada em cada encontro durante a oficina.

| Dia | Conteúdo | Estratégia | Metodologia Ativa |
|---------------------|---|--|-----------------------------------|
| 01 - <i>Amanaci</i> | Potencializando Dispositivos e Conexões para Empreendedoras | As participantes observavam demonstrações práticas de uso de dispositivos móveis, seguidas de atividades práticas imediatas para replicar o que foi aprendido. | Aprendizado por Demonstração |
| 02 - <i>Araci</i> | Explorando Ferramentas de Comunicação Digital | As participantes exploraram as ferramentas com o apoio do instrutor, promovendo autonomia. | Exploração Guiada |
| 03 - <i>Potyra</i> | Conectando-se nas Redes Sociais | Revisão coletiva das configurações feitas pelas participantes, com sugestões de melhorias e ajustes. | Feedback Colaborativo |
| 04 - <i>Jaciara</i> | Produção de Conteúdo Prático | Foram apresentados desafios, para que as participantes encontrem soluções práticas. | Aprendizagem Baseada em Problemas |
| 05 - <i>Iara</i> | Explorando e Planejando o Futuro Digital | Compartilhamento de experiências sobre dificuldades e boas práticas, promovendo troca de saberes entre as participantes. | Dinâmica de Grupos |

Tabela 1: Atividades e estratégias ao redor da oficina.

A inserção de nomes indígenas femininos para nomear cada unidade do curso foi pensada como uma forma de valorizar a cultura e identidade das mulheres indígenas, promovendo um diálogo entre a tradição e a modernidade no processo de inclusão digital. Os nomes escolhidos – *Amanaci*, *Araci*, *Potyra*, *Jaciara* e *Iara* – carregam significados profundos, conectando as participantes com símbolos de sabedoria, renovação, florescimento e planejamento. Por exemplo, *Amanaci*, a Deusa da Lua, representa inspiração e novos caminhos, enquanto *Potyra*, que significa flor, simboliza o florescimento de oportunidades através do aprendizado. Essa abordagem não apenas fortalece a representatividade cultural no contexto das oficinas, mas também serve como um estímulo motivacional, associando cada etapa do curso a valores que refletem a jornada de transformação das participantes. Assim, a nomeação das aulas contribui para tornar o aprendizado mais significativo e alinhado com as vivências e raízes das mulheres indígenas envolvidas no projeto.

4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No primeiro dia, a aula teve como foco capacitar as participantes a otimizar o uso de dispositivos móveis e navegadores, promovendo segurança e autonomia na tecnologia. O conteúdo abordou a configuração básica dos celulares, uso de atalhos, navegação nos menus e conexão segura com redes *Wi-Fi*. A estratégia adotada foi a Aprendizagem por Demonstração, onde as participantes observavam demonstrações práticas realizadas pelos instrutores e, em seguida, realizavam as mesmas atividades nos próprios dispositivos. Esse método permitiu um aprendizado direto e efetivo, facilitando a fixação das funções apresentadas.

O segundo dia foi dedicado à instrução prática sobre navegadores, e-mails e *WhatsApp Business* como ferramentas essenciais de comunicação e negócios (ver Figura 1). As participantes aprenderam a criar contas de e-mail, enviar mensagens, configurar anexos e utilizar o *WhatsApp* para interagir com clientes. A estratégia aplicada foi a Exploração Guiada, onde, com o apoio do instrutor, as mulheres puderam explorar as ferramentas no seu ritmo, promovendo autonomia e confiança. Durante a prática, as participantes realizaram simulações reais de envio de e-mails e mensagens automáticas, garantindo a aplicação imediata do conteúdo.



Figura 1: Estratégia de Exploração Guiada para aula 2.

Já no terceiro dia, o objetivo foi capacitar as participantes a criar presença digital e engajar o público por meio do *Facebook* e *Instagram*. O conteúdo incluiu a criação e configuração de perfis, elaboração de postagens, curtidas, comentários e interação com seguidores. A estratégia central foi o *Feedback Colaborativo*, onde as participantes configuraram seus perfis e compartilharam as configurações com o grupo, recebendo sugestões de melhorias. Esse método possibilitou uma troca de experiências rica e a identificação de boas práticas para a construção de perfis comerciais mais atrativos e funcionais.

No dia seguinte, a aula foi voltada para ensinar técnicas de fotografia, edição de imagens e publicação de conteúdos visuais, visando chamar a atenção do público-alvo. As participantes aprenderam a capturar fotos com melhor iluminação, foco e ângulos adequados, além de editar imagens com ferramentas

simples como *Canva* e os próprios aplicativos das redes sociais. A metodologia ativa escolhida foi a Aprendizagem Baseada em Problemas, em que desafios reais foram apresentados para que as participantes encontrassem soluções práticas, como produzir e publicar um post visualmente atrativo com base nas imagens editadas durante a aula.

No último dia, o objetivo foi apresentar novas ferramentas digitais e motivar as participantes a continuarem explorando a tecnologia em seus negócios. O conteúdo abordou a pesquisa de tutoriais no *Google* e *YouTube*, além de discussões sobre como aplicar o aprendizado no cotidiano. A estratégia adotada foi a Dinâmica de Grupos, com compartilhamento de experiências entre as participantes, discutindo dificuldades enfrentadas e boas práticas identificadas, conforme a Figura 2. Ao final, cada participante elaborou um plano de ação digital para os próximos 30 dias, promovendo continuidade e aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

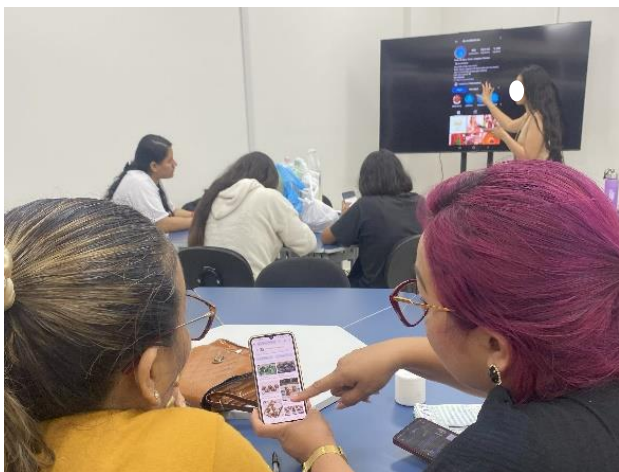


Figura 2: Dinâmicas de Grupos

Ao término das oficinas, as participantes foram convidadas a compartilhar suas experiências e percepções sobre o conteúdo aprendido e sua aplicação prática em seus negócios. Em um momento de troca e reflexão, as mulheres voluntariamente relataram como as aulas contribuíram para aprimorar suas habilidades digitais e fortalecer a divulgação de seus produtos e serviços.

Essa etapa foi essencial para consolidar o aprendizado e destacar a importância do uso estratégico das ferramentas tecnológicas no dia a dia. Além disso, as colaborações trouxeram *feedbacks* valiosos sobre os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas durante o processo, evidenciando o impacto transformador da oficina na vida dessas mulheres ser aplicadas ao seu cotidiano (ver Figura 3). Consequentemente, o encontro não apenas ofereceu uma experiência prática de aprendizado, mas também estimulou a reflexão sobre o papel da tecnologia nas suas comunidades e como ela pode ser usada para promover o desenvolvimento social e cultural.



Figura 3: Momento de Troca e Reflexão entre as participantes

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para avaliar o valor da aprendizagem e percepção da motivação das participantes com o processo de ensino foi realizada uma pesquisa utilizando formulários Google, organizando as informações em duas categorias:

- **Percepção do valor da aprendizagem:** Implica em avaliar a relevância do conteúdo do curso;
- **Percepção da motivação:** o grau de motivação promovido pelas atividades para a aprendizagem da aluna com base nas atividades realizadas;

5.1 Resultados Quantitativos

Nesta etapa, as atividades alcançaram 20 participantes diferentes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam à pesquisa, permitindo a avaliação dos resultados pelas atividades realizadas. Em relação à caracterização das participantes, a Figura 4 mostra que a maioria das participantes eram alunas de fundamental completo apenas e com baixo nível de conhecimento prévio em sobre conceitos de como promover seu negócio pelas redes sociais.

As participantes foram convidadas a avaliar seus conhecimentos antes e depois de cada oficina, utilizando uma escala de 0 (nenhum conhecimento) a 5 (alto conhecimento). As oficinas foram projetadas para envolver experiências concretas e dinâmicas, utilizando metodologias ativas que promoveram aprendizado prático e colaborativo.

Cada oficina foi avaliada com base nos seguintes tópicos: (i) Introdução ao uso básico de dispositivos móveis e navegação na internet, como configuração de *Wi-Fi* e segurança digital; (ii) Criação e utilização de *e-mails* e ferramentas de comunicação, como o *WhatsApp Business*, para interação profissional; (iii) Uso de redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, para criar e gerenciar perfis comerciais, incluindo postagens e interações com o público; (iv) Produção de conteúdos visuais, incluindo técnicas simples de fotografia e edição para destacar produtos e serviços; e (v) Exploração de ferramentas digitais avançadas, como *YouTube*, *Google* e plataformas de organização, para planejamento e desenvolvimento contínuo dos negócios.

Essa avaliação foi realizada de forma anônima e voluntária, permitindo que as participantes refletissem sobre o progresso alcançado em cada tópico. Os dados obtidos serviram não apenas para medir o impacto das oficinas no aprendizado das participantes, mas também para ajustar futuras edições do projeto, garantindo que as necessidades específicas das mulheres indígenas fossem atendidas. O formato da escala permitiu uma análise qualitativa e quantitativa, evidenciando uma evolução significativa no domínio das ferramentas digitais, especialmente em áreas como criação de presença digital e estratégias de marketing para divulgação de produtos culturais e artesanais.

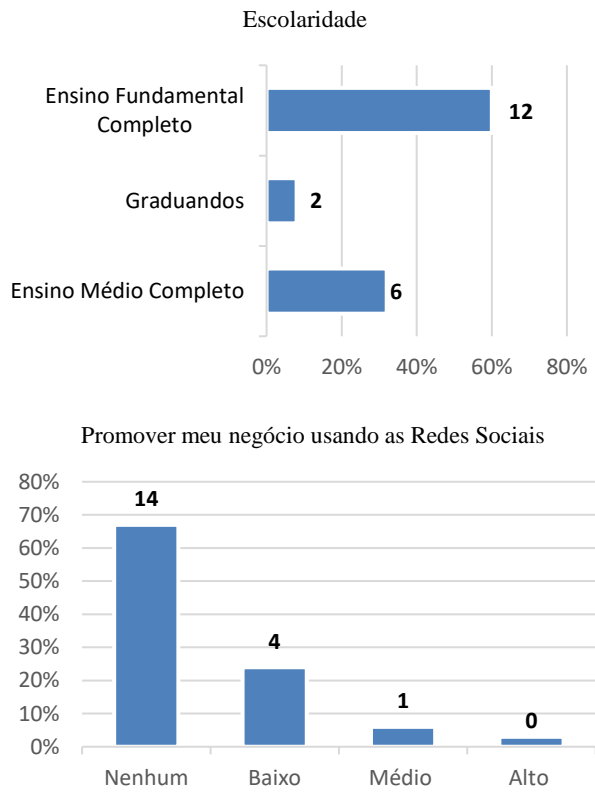


Figura 3: Caracterização das participantes

Para avaliar as diferenças dado que os dados não são normais conforme a Tabela 2 apresenta pelo Teste de *Shapiro-Wilk* ($p < 0.05$), optou-se pelo uso de um teste não paramétrico (*Wilcoxon Signed-Rank*), considerando a não normalidade dos dados. O teste revelou resultados estatisticamente significativos ($p < 0.001$), indicando uma melhora significativa nos níveis de conhecimento das participantes após a realização das atividades.

| | Pré. | Pós |
|--------------|-------|-------|
| Valid | 20 | 20 |
| Mean | 1.450 | 3.700 |
| Variance | 1.839 | 0.958 |
| Shapiro-Wilk | 0.860 | 0.879 |

| | Pré. | Pós |
|-------------------------|-------|-------|
| P-value of Shapiro-Wilk | 0.008 | 0.017 |

Tabela 2: Teste de Normalidade.

A Figura 4 mostra os resultados de uma avaliação comparativa entre dois momentos: pré-teste (Pr.) e pós-teste (P.s), indicando a evolução ou mudança de desempenho das participantes. A análise visual combina diferentes elementos: gráfico de pontos conectados, *boxplots* e gráficos de densidade.

No gráfico de pontos conectados à esquerda, cada linha representa o desempenho individual de uma participante. Observa-se uma clara tendência de aumento nos valores do pré-teste para o pós-teste, já que a maioria das linhas apresenta uma inclinação ascendente. Isso sugere que, após a intervenção (oficina), as participantes apresentaram uma melhora significativa em seu desempenho.

Os *boxplots*, posicionados ao centro, reforçam essa observação ao comparar a distribuição dos valores nos dois momentos. O *boxplot* do pré-teste (verde) tem uma mediana mais baixa e uma distribuição mais concentrada na parte inferior. Em contraste, o *boxplot* do pós-teste (laranja) mostra uma elevação na mediana e uma dispersão maior dos valores, indicando que o desempenho das participantes não apenas melhorou, mas também apresentou uma variabilidade mais positiva no pós-teste.

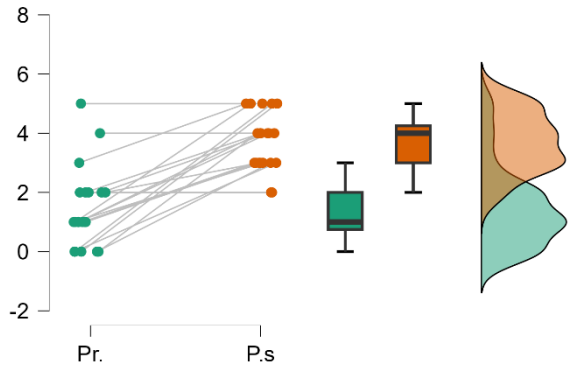


Figura 4: Gráfico de densidade, pontos conectados e *boxplot* das diferenças entre Notas Antes e Depois.

No gráfico de densidade à direita, as distribuições dos valores no pré e pós-teste são exibidas. A densidade do pré-teste (verde) é concentrada na parte inferior, refletindo a predominância de desempenhos mais baixos. Por outro lado, a densidade do pós-teste (laranja) desloca-se visivelmente para valores mais altos, sugerindo uma mudança substancial no desempenho global. Portanto, pode-se afirmar uma melhora significativa no desempenho das participantes após a oficina. A combinação das linhas ascendentes, do aumento da mediana nos *boxplots* e da mudança na distribuição no gráfico de densidade reforça a efetividade da ação realizada entre os momentos pré e pós-teste.

4.2 Resultados Qualitativos

A análise qualitativa, baseada na percepção de motivação das participantes após a oficina, revelou comentários positivos que evidenciam o impacto significativo das oficinas no desenvolvimento de habilidades digitais e na confiança para aplicar os aprendizados em seus negócios. Os depoimentos das participantes destacam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o fortalecimento da autoestima e da motivação para continuar explorando ferramentas tecnológicas.

- Comentário 1: *“Antes da oficina, eu tinha medo de mexer no celular para divulgar meu trabalho. Agora, aprendi a usar as redes sociais de um jeito mais simples e me sinto mais segura para mostrar os meus produtos.”*

Esse relato mostra o quanto a oficina ajudou a superar barreiras iniciais de insegurança e permitiu que a participante adquirisse autonomia no uso das redes sociais como ferramenta de divulgação.

- Comentário 2: *“Achei muito bom aprender a tirar fotos dos meus produtos e editar. Nunca imaginei que eu conseguiria fazer isso sozinha, e hoje já planejo postar mais nas redes para atrair novos clientes.”*

Aqui, a participante destaca o impacto direto da aprendizagem prática no seu dia a dia, com foco na produção de conteúdo visual, evidenciando a motivação para aplicar o conhecimento com um objetivo claro.

- Comentário 3: *“Ver outras mulheres aprendendo junto comigo me deu mais vontade de continuar. Eu percebi que, mesmo com as dificuldades, a gente consegue crescer e alcançar mais pessoas com a tecnologia.”*

Esse comentário reflete a importância do ambiente colaborativo e da troca de experiências entre as participantes, que se sentiram motivadas ao perceber o progresso coletivo e as oportunidades geradas pela inclusão digital.

Dessa forma, esses depoimentos ressaltam a relevância das oficinas não apenas para a capacitação técnica, mas também para a motivação pessoal e o empoderamento das mulheres, incentivando-as a usar a tecnologia como aliada no desenvolvimento de seus negócios e na valorização de suas culturas e identidades.

5 CONCLUSÃO

As atividades desenvolvidas neste projeto demonstraram uma contribuição significativa para a inclusão digital e o empoderamento de mulheres indígenas empreendedoras. Através da extensão, foi possível romper as barreiras institucionais, levando conhecimento prático e aplicável a um público que, muitas vezes, enfrenta desafios no acesso à tecnologia.

A abordagem proposta, baseada em metodologias ativas, permitiu que as participantes fossem protagonistas do próprio aprendizado, desenvolvendo habilidades essenciais para divulgar seus produtos e serviços no ambiente digital. Além disso, a troca de saberes entre a academia e a comunidade fortaleceu a valorização da cultura indígena, conectando tradições com as oportunidades oferecidas pelo mundo tecnológico.

Como trabalhos futuros, propõe-se a continuidade das ações de extensão com a realização de atividades diretamente nas

comunidades indígenas, expandindo o alcance do projeto para aquelas que não têm acesso facilitado às instituições de ensino. Essa abordagem permitirá a adaptação do conteúdo às realidades locais, respeitando as particularidades culturais e linguísticas das participantes. A ideia é oferecer módulos avançados e novos temas, como o uso de *marketplaces*, ferramentas de comércio eletrônico e *storytelling* digital, capacitando ainda mais essas mulheres para ampliarem seus negócios e fortalecerem suas redes de comercialização.

Sendo assim, este estudo mostra que a inclusão digital é uma ferramenta poderosa para promover autonomia, valorização cultural e desenvolvimento socioeconômico. As oficinas realizadas mostraram resultados expressivos, tanto no aspecto técnico quanto no fortalecimento da autoestima das participantes, que se sentiram motivadas a explorar novas oportunidades no mundo digital. Esse projeto destaca a importância das ações de extensão na criação de pontes entre a escola e as comunidades, promovendo impacto real e contínuo na vida das participantes.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa e desenvolvimento ARANOÚA financiado pela Samsung Eletrônica da Amazônia Ltda nos termos da Lei Federal nº 8.387/1991, de acordo com o art. 21 do Decreto nº 10.521/2020. Agradecemos, também, ao Campus Manaus Zona Leste do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) pelos incentivos para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- [1] Ferreira, G. B. (2005) Identidade e políticas de reconhecimento social na sociedade de rede [livro de atas]. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4. Anais [...]. Portugal.
- [2] Ferreira, Ana Lúcia. (2021). Mulheres indígenas nas redes sociais: ativismo e empoderamento. Revista Cadernos Pagu, n. 59.
- [3] Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete da Silva. (2017) O digital nativo: a presença indígena na rede. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15390877-O-digitalnativo-a-presencaindigena-na-rede.html>. Acesso em 10 de maio 2021.
- [4] Ferreira, Ana Lúcia. (2021) Mulheres indígenas ativistas digitais: por uma comunicação intercultural e decolonial. Anuário Inovação e Tecnologia na Educação da Rede e-Tec Brasil, v. 1, n. 1, p. 31-45.
- [5] Leal, Lívia (2021). A resistência das mulheres indígenas nas redes sociais. Jornal da USP.
- [6] Melo, Mariana. (2017) A valorização da cultura indígena nas redes sociais. Revista Ciberlegenda, v. 39, n. 2, p. 25-37.
- [7] Joana Felizardo, Vitória Graciano, Ana Mara Figueiredo, Aline Guarisi, Paola Boechat, and Gabriely Vicente. (2024) Uma experiência de Capacitação Digital para Mulheres: Rumo à Inclusão Tecnológica. In Anais do XXXV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, novembro 04, 2024, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. SBC, Porto Alegre, Brasil, 3139-3148. DOI: <https://doi.org/10.5753/sbie.2024.244635>.
- [8] Helen Abdala R. Ferreira, Alice F. Barbosa, Reinaldo B. Braga, Marcia N. Viana, and Carina T. Oliveira. (2018) Metodologia de um Projeto de Extensão para Inclusão, Desmistificação e Empoderamento de Jovens Mulheres em Tecnologias da Informação e Comunicação. In Anais do XII Women in Information Technology, julho 26, 2018, Natal, Brasil. SBC, Porto Alegre, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2018.3379>.
- [9] Gleiciane Fernandes et al. (2024) Uma Adaptação do Mobile Device Proficiency Questionnaires para um Público de Idosas da Região Amazônica. In Anais do XVIII Women in Information Technology, Julho 21, 2024, Brasília/DF, Brasil. SBC, Porto Alegre, Brasil, 309-318. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2024.2699>.
- [10] Simone Bello Kaminski Aires et al. (2021) “Aplicando uma metodologia de aprendizagem colaborativa no ensino de programação”. Em: A Plurivalência da Engenharia da Computação e seu Amplo Campo de Aplicação. pp. 60–69.